

África no plural. Olhares sobre o passado, presente e futuro

Rosa Cabecinhas

Docente no Departamento de Ciências da Comunicação
Investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho
cabecinhas@ics.uminho.pt

O primeiro episódio do novo podcast África Agora (2020, 14 de setembro), abordou as complexas relações entre o passado, o presente e o futuro do continente africano, tendo como convidado o economista e sociólogo guineense Carlos Lopes, professor na Universidade do Cabo (África do Sul) e Alto Comissário da União Africana para as relações com a União Europeia. Ao iniciar o programa, a jornalista Cristina Peres referiu uma perplexidade: o mapa-mundo Mercator, datado de 1569, reproduz a massa de África como equivalente à da Gronelândia, que é 14 vezes mais pequena, e nem a Googlemaps corrigiu tal desproporção (ver Lopes & Kararach, 2020). Cristina Peres, recordando o elevado risco de “uma mentira repetida se transformar em verdade”, questionou o convidado sobre “as implicações para África desta percepção enviesada”. Na resposta, Carlos Lopes salientou que tal é uma metáfora daquilo que constitui a percepção enviesada do continente africano em muitas vertentes: a histórica, com “a dicotomia entre o Egipto ser ou não ser de origem negra ou africana”; a filosófica, nomeadamente a famosa frase de Hegel segundo a qual os africanos não tinham história e portanto não podiam fazer parte da civilização; e também várias interpretações religiosas, “seja do cristianismo ou do islamismo, temos sempre esta figura de uma certa inferioridade africana que foi plasticamente reproduzida pelos grandes pintores renascentistas e que ficou na memória coletiva”, pelo que “nós temos um enorme canteiro de obras para poder retificar essa imagem”. Carlos Lopes salienta que “essa imagem hoje em dia custa sobretudo nas percepções macroeconómicas que prejudicam a possibilidade de desenvolvimento do continente”. Trata-se de uma complexa questão que não cabe aqui analisar nas suas múltiplas dimensões

e implicações, mas que tomamos como ponto de partida para abordar a relação entre as representações sociais do passado, as dinâmicas no presente e as visões do futuro em contextos africanos.

As percepções do passado e seus efeitos sobre as atitudes, as emoções e os comportamentos constituem um tópico que tem recebido uma atenção crescente por parte dos psicólogos sociais. De facto, as representações sociais da história constituem um ingrediente crítico para a compreensão das relações internacionais e interculturais no presente assim como para a construção de identidades sociais e sua mobilização. Nas últimas duas décadas foram realizados diversos estudos sobre as representações do passado colonial e os seus impactos nos processos de reconciliação e nas atitudes face a políticas de reparação histórica, assim como nas próprias trajetórias pessoais, nomeadamente em contextos de migração (ver, por exemplo, Abadia, Cabecinhas, Macedo e Cunha, 2018). No entanto, são escassos os estudos realizados no continente africano e é escassa a visibilidade dos estudos realizados com recurso a outra língua que não o Inglês. Os estudos comparativos entre diferentes contextos geográficos e/ou linguísticos são ainda mais escassos. De seguida, revisitamos brevemente dois destes estudos.

Licata et al. (2018) realizaram um estudo comparativo com o objetivo de analisar as representações sociais do colonialismo e as suas implicações nas relações intergrupais. Os dados foram recolhidos através de questionário junto de 1134 estudantes universitários em três países europeus (Bélgica, França e Portugal) e seis países africanos (Angola, Burundi, Cabo Verde, República Democrática do Congo, Guiné-Bissau e Moçambique). O estudo demonstrou que as representações sociais do colonialismo estruturam-se em duas dimensões principais: “exploração e racismo” (por exemplo: “A exploração da mão de obra nas colónias pelos países colonizadores”; “A destruição das culturas e modos de vida dos países colonizados”) e “desenvolvimento” (por exemplo, “A construção de vias de comunicação e de infraestruturas económicas nas colónias”; “A criação de sistemas de educação e de saúde nas colónias”). Na globalidade da amostra, os participantes demonstraram maior grau de concordância com as afirmações remetendo para uma visão do colonialismo como “exploração e racismo” do que como “desenvolvimento”. No entanto, os participantes africanos tenderam a manifestar maior grau de concordância com afirmações remetendo para uma visão do colonialismo como “desenvolvimento” do que os participantes europeus.

Licata et al. (2018) referem que tais resultados parecem contradizer a alegação de que as identidades nacionais africanas foram construídas em contraste com os projetos coloniais, antes e depois da sua independência. No entanto, para compreender este padrão resultados, não podemos esquecer que o estudo foi realizado junto de estudantes universitários e que o grau de elitização do ensino universitário é significativamente superior nos países africanos do que nos países europeus. Os resultados deste estudo indicaram ainda que para os jovens europeus o colonialismo é percebido como relativamente remoto tanto no tempo quanto no espaço, enquanto os jovens africanos vivem num contexto que é mais claramente percebido como tendo sido moldado pelo colonialismo. Mais pesquisas são necessárias para identificar os fatores que moldam as representações atuais do colonialismo nas sociedades africanas contemporâneas e os seus impactos na vida quotidiana.

O referido questionário incluía ainda um conjunto de questões sobre emoções coletivas e atitudes face a ações de reparação, de natureza simbólica (“Os governos europeus deviam pedir desculpas publicamente pela colonização”) ou económica (“Os governos europeus deviam oferecer compensações às suas antigas colónias”). As representações sociais do colonialismo como “exploração” foram associadas a uma visão segundo a qual os europeus de hoje deveriam sentir culpa e vergonha pelas ações coloniais dos seus antepassados, enquanto as representações sociais do colonialismo como “desenvolvimento” foram negativamente associadas a essas emoções negativas, tanto da parte dos participantes africanos quanto dos participantes europeus. Paralelamente, os participantes europeus que expressaram representações sociais do colonialismo como “exploração” declaram maior grau de concordância face a ações de reparação. Em contrapartida, no caso dos participantes africanos, verificou-se um maior grau de concordância relativamente a possíveis ações de reparação, mas não se verificam correlações estatisticamente significativas entre as representações sociais do colonialismo e as atitudes face às ações de reparação. Licata et al. (2018) referem como possível causa para tal padrão de resultados o facto de peso do passado colonial se fazer sentir com particular incidência nos países africanos. Como sugerido por Rothberg (2013), o colonialismo não apenas conquistou o espaço, mas também o tempo: as consequências do colonialismo estão mais visivelmente ligadas às questões atuais e incorporadas

na vida do dia a dia nos países que foram colonizados do que nos países que foram colonizadores. Por exemplo, no caso dos países africanos, a “herança colonial” traduz-se na própria definição das fronteiras nacionais – definidas arbitrariamente em função dos interesses dos países colonizadores no final do século XIX.

Tomados no seu conjunto, os resultados obtidos por Licata et al. (2018) mostraram que os participantes europeus tendiam a expressar principalmente os aspetos negativos do colonialismo, mas ao mesmo tempo a vê-lo como uma história fechada, desconectada da sua vida quotidiana e sem implicações no futuro. Esta aparente disjunção entre as representações do passado colonial e suas implicações na vida presente é particularmente desafiadora, pois levanta questões sobre o ensino da história do colonialismo nas suas múltiplas dimensões e consequências.

Num estudo anterior (Cabecinhas et al., 2011), estudou-se as representações sociais do passado e as visões do futuro em seis países africanos. Nesse estudo participaram 1166 estudantes do ensino superior em Angola, Burundi, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e República Democrática do Congo. O questionário incluía, entre outras, as seguintes questões abertas: 1. “Se tivesse que contar a história mundial, por qual acontecimento começaria?”; 2. “Na sua opinião, qual o acontecimento mais relevante no curso da história para chegarmos à situação atual do mundo?”; e 3. “Que tipo de acontecimentos é que prevê para o futuro do mundo em que vivemos?”.

A análise temática das respostas dos participantes revelou que o tema predominante nas respostas à primeira questão foi a evolução humana, tendo os participantes destacado positivamente o facto de África ser o “berço da humanidade”. Já na segunda questão os temas predominantes foram: as guerras (principalmente a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial); e a colonização, com destaque para a escravatura, o tráfico de escravos, a Conferência de Berlim 1884-5 e a partição de África entre as potências europeias, as lutas de libertação e as independências africanas. Assim, ao pensar nos acontecimentos históricos que mais influenciaram o presente, os jovens evocaram sobretudo acontecimentos violentos perpetrados por europeus e destacaram a agência dos africanos nas lutas de libertação.

No que concerne às previsões para o futuro (terceira questão), o tema predominante nas respostas dos participantes foi a paz e a coo-

peração, destacando-se respostas que apontam para visões do futuro que contrastam com o presente, por exemplo: “Um futuro onde reine a amizade e o diálogo entre os Estados”; “Um mundo sem fronteiras”; “Todas as pessoas vão se entender, um futuro melhor”; “Haverá paz e todos viverão à vontade”. O segundo tema mais frequente foram as guerras, destacando-se as referências a uma possível “Terceira Guerra Mundial” ou a “completa destruição do mundo” devido à “ganância excessiva” e à “falta de água para todos”, tendo diversos participantes referido a “completa destruição do planeta”. A terceira temática mais referida foram as assimetrias de poder: alguns participantes anteciparam a manutenção do domínio do mundo ocidental (“Interferência dos europeus nos assuntos dos africanos”), mas a maioria prevê alterações nas relações de poder a nível mundial, por exemplo, “Uma reviravolta em que as potências atuais serão os países mais necessitados por estar[em] a usar mal os recursos e descobertas”, o “Fim da supremacia dos EUA”, a “Supremacia intelectual dos negros em relação aos brancos” e “O poder na mão das mulheres”. De salientar que as referências a mudanças nas relações de poder foram particularmente prevalentes em Angola: cerca de 12% dos participantes angolanos anteciparam que Angola se tornaria uma potência mundial no futuro. Tal poderá dever-se ao facto de estes dados terem sido recolhidos em 2008, numa altura em que Angola experimentou um período de grande crescimento económico após o fim da guerra civil. Globalmente, os resultados apontam para uma visão otimista do futuro e indicam como as condições materiais podem moldar as visões do passado e do futuro, uma questão que merece mais investigação. Por exemplo, diversos participantes moçambicanos destacaram a “cura da sida” e a “cura da malária” e na Guiné-Bissau destacam o “fim da pobreza” e um mundo “sem guerra, sem fome, sem doença”.

Obviamente os resultados destes estudos realizados com estudantes do ensino superior não são representativos da população dos respetivos países, mas permitem-nos refletir a partir da análise dos padrões convergentes e divergentes observados nos diferentes contextos nacionais (Cabecinhas et al., 2011). Não cabe aqui esmiuçar o perfil de resultados evidenciado em cada um dos países, mas não queremos deixar de destacar a diversidade nas representações do passado assim como nas visões do futuro.

Na sinopse do primeiro episódio do podcast África Agora (2020), destaca-se que África terá “a maior e mais jovem força de trabalho, [...] superior à da China e à da Índia, são números que merecem reflexão. A boa notícia é que é possível traçar estratégias comuns e alterar o *mindset* com o futuro em perspetiva”. Assim, ao mesmo tempo que se pretende questionar a perceção enviesada de África, continua-se a tratar África como se fosse um só país, comparando-a com outros países (e não com outros continentes) e almejando ajudar a “traçar estratégias comuns”. Ora, a construção de um futuro melhor para todas as pessoas que habitam este complexo e diversificado continente, e não só, passa necessariamente pelo reconhecimento da sua pluralidade e diversidade.

Bibliografia

- ABADIA, L., CABECINHAS, R., MACEDO, I., & CUNHA, L. (2018). Interwoven migration narratives: identity and social representations in the Lusophone world. *Identities*, 25(3), 339-357. [https://doi: 10.1080/1070289X.2016.1244062](https://doi.org/10.1080/1070289X.2016.1244062)
- África Agora #1 (2020, 14 de setembro) Vem aí a maior e mais jovem força de trabalho do mundo. Retirado de https://soundcloud.com/jornal_expresso/sets/africa-agora
- CABECINHAS, R., LIU, J. H., LICATA, L., KLEIN, O., MENDES, J., FEIJÓ, J., & NIYUBAHWE, A. (2011). Hope in Africa? Social representations of world history and the future in six African countries. *International Journal of Psychology*, 46(5), 354-367. [https://doi: 10.1080/00207594.2011.560268](https://doi.org/10.1080/00207594.2011.560268)
- LICATA, L., KHAN, S., LASTREGO, S., CABECINHAS, R., VALENTIM, J. P., & LIU, J. H. (2018). Social representations of colonialism in Africa and in Europe: Structure and relevance for contemporary intergroup relations. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 68-79. [https://doi: 10.1016/j.ijintrel.2017.05.004](https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.05.004)
- LOPES, C. & KARARACH, G. (2020). *Structural change in Africa. Misperceptions, new narratives and development in the 21st century*. Londres: Routledge.
- ROTHBERG, M. (2013). Remembering back. Cultural memory, colonial legacies, and Postcolonial Studies. In G. Huggan (Ed.) *The Oxford handbook of Postcolonial Studies* (pp. 359-379). Oxford: Oxford University Press.